



**Contradições na realidade e nas representações sociais sobre a alimentação: desafios
à Educação Ambiental crítico-transformadora**

Andreisa Damo¹
Elisabeth Brandão Schmidt²

Resumo: Este artigo apresenta algumas reflexões produzidas durante pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Duas dimensões complementares, de cunho teórico e empírico, alicerçam o estudo. A primeira dimensão denuncia as contradições próprias ao modo de produção hegemônico associadas à degradação na qualidade dos alimentos em razão da distorção de sua ontologia, o que faz com que deixem de ser elemento essencial à vida e à saúde para servir aos interesses privados, que lhes exploram o fetiche de mercadoria. A segunda dimensão investigativa analisa as representações sociais que escolares do município do Rio Grande, RS, produziram sobre a alimentação, revelando contradições que expressam a alienação e a padronização das escolhas e dos gostos alimentares. O diálogo de autores como Patel, Ziegler, Marx e Freire possibilitou desvelar, no fenômeno da alimentação, certas contradições da realidade e da consciência que indicam a importância e os desafios da Educação Ambiental crítico-transformadora.

Palavras-chave: Comida-mercadoria. Contradições. Educação Ambiental crítico-transformadora.

**Contradictions in reality and in social representations of eating habits: challenges to
critical-transformative Environmental Education**

Abstract: This paper reports some reflections yielded throughout a doctoral research carried out in the Post-graduate Program in Environmental Education at the *Universidade Federal do Rio Grande* (FURG), located in Rio Grande, RS, Brazil. A theoretical dimension and an empirical one complement each other and form the basis of the study. The former denounces contradictions which are intrinsic to the hegemonic mode of production associated with the degradation of the quality of food due to distortion in its ontology. This fact makes food serve private interests which explore merchandise fetish, rather than consider it an essential element to life and health. The latter,

¹ Doutora e Mestre em Educação Ambiental (FURG). Licenciada em Ciências Biológicas (UFPel). E-mail: andreisafdamo@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental - PPGEA e do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEdu da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: elisabethschmidt@furg.br

which is investigative, analyzes social representations of eating habits expressed by students in Rio Grande, RS, thus exposing contradictions that show their alienation and standardization regarding food choices and preferences. Interaction with authors, such as Patel, Ziegler, Marx and Freire, enabled to reveal certain contradictions – in reality and in consciousness – which show the importance and challenges faced by critical-transformative Environmental Education.

Keywords: Food as merchandise. Contradictions. Critical-transformative Environmental Education.

Considerações introdutórias

A mercantilização onipresente, a alienação, a insustentabilidade e a injustiça ambiental caracterizam as relações que o capital impõe à natureza e à sociedade. A mais marcante contradição da economia baseada na supremacia do lucro, na concentração de riqueza e poder e nas desigualdades distributivas é a conversão do alimento, de necessidade humana essencial, em mercadoria. Isso confere à comida um caráter puramente mercadológico, afastado de seu sentido original ou ontológico.

A lógica inerente à mercadoria rompe o compromisso de satisfazer necessidades reais da humanidade, desvirtuando, deste modo, a motivação inicial dos processos produtivos. Produzir comida deixou de ter por intuito gerar saúde (alimentar, de fato) e o bem estar das pessoas; destina-se a atender questões puramente comerciais. Conhecer tal realidade, suas contradições, e como as pessoas a representam é passo necessário no caminho de transformar a forma como nos relacionamos com a comida, em sociedade, e com a natureza.

Neste artigo, trazemos algumas problematizações derivadas de pesquisa de doutorado, de cunho qualitativo, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. A pesquisa teve dois caminhos investigativos convergentes e complementares: a discussão no plano teórico, baseada em referenciais da Dialética Materialista e da tradição crítica acerca da derrocada na qualidade dos alimentos em razão de sua conversão em mercadoria; e a dimensão empírica, voltada a identificar, analisar e compreender as contradições existentes nas representações de escolares do Rio Grande, RS, a respeito da alimentação, e como elas se apresentam em suas práticas alimentares.

A produção do material empírico se deu por meio da realização de grupos focais³ constituídos de até 12 estudantes adolescentes (idades entre 12 e 14 anos) de quatro escolas

³ O Grupo Focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, destinado a fornecer informações de caráter qualitativo, a exemplo das representações sociais sobre determinado assunto. Os participantes do grupo devem estar em

do município do Rio Grande, RS. O processo analítico das representações sociais produzidas teve por base a proposta dialético-hermenêutica de Minayo (1992), atrelando seu conteúdo aos determinantes sócio-históricos da realidade em sua totalidade no entrelaçamento entre o particular e o geral.

Contradições da realidade: as características e as implicações da comida-mercadoria no modo de produção hegemônico

Partimos do pressuposto de que, em vez de alimentar e fazer prosperar a vida e a saúde humana e a do ambiente, a comida submetida à lógica, à ética e à estética do capital tem produzido a alienação e a manipulação das nossas escolhas alimentares. Além disso, tem instigado o consumo impulsivo e compulsivo, o que se converte no adoecimento e na degradação ambiental. Os motivos que nos levam a comer são equivocados, assim como a própria comida, hoje largamente disponível para consumo. Isso porque a razão de existir dos alimentos tem atendido a interesses puramente corporativos, ansiosos por concentrar dinheiro e poder. Nesse processo, a mercantilização absorveu todo produto do trabalho, inclusive os alimentos, convertendo-os em mais uma mercadoria.

Intentamos, pois, denunciar os mecanismos sócio-históricos pelos quais os alimentos vêm perdendo sua função biológica e social de suprir necessidades humanas para servir aos interesses do capital, no processo mesmo em que são roubados de seu valor estético e ético, dois princípios de relações que não se coadunam com a lógica de mercado. O caráter estético da alimentação é o seu valor de uso para suprir necessidades essenciais da humanidade. Está, portanto, relacionado à saúde, à qualidade de vida e à felicidade humana. Assim, a alienação do valor de uso do alimento pela supremacia do valor de troca implica a degeneração de seu sentido estético.

O estudo desenvolvido no processo de doutoramento foi orientado por categorias fundantes, tais como a *mercadoria*, o *fetichismo da mercadoria* e a *alienação*, mecanismos utilizados pelo capital para tornar as pessoas alheias ao mundo no qual vivem, possibilitando-lhes conhecer a realidade apenas superficialmente, no nível das aparências, e não no que lhe é essencial, de forma a impulsionar o consumismo e a inércia social. As categorias da *estética*⁴ e da *conscientização* emancipadora para a transformação social nos

condições socioeconômicas e culturais semelhantes, para que não haja inibição da fala. A condução do grupo focal será feita por um moderador (geralmente, o pesquisador), que irá organizar a discussão com base em um roteiro, e possibilitar a participação de todos os integrantes do grupo. Esta metodologia é muito útil quando o pesquisador deseja ampliar sua compreensão a respeito de um fenômeno, como estamos pretendendo com a alimentação.

⁴ A estética constitui-se no cultivo da beleza (a boniteza em sentido freireano) nas relações sociais e dos seres humanos com a natureza. A beleza é o pensar e agir atentos para as demandas reais da humanidade que nos impulsiona na busca da

fundamentam na direção de uma sociedade pautada em sustentabilidade real e em valores e princípios coerentes com a ética humana e não ética de mercado, fazendo emergir o aspecto crítico da práxis social.

A categoria da crítica é entendida por Loureiro (2012, p. 111-112 - parênteses do autor) como o

princípio epistemológico, teórico e metodológico segundo o qual o que existe pode ser racionalmente questionado, negado, afirmado e superado; e as relações sociais são produtos históricos, portanto, não são imutáveis, podendo ser transformadas pela ação consciente dos agentes sociais. Para a tradição crítica, a possibilidade objetiva de negar algo é condição do próprio movimento de mudança das coisas (princípio da contradição), que se efetiva pela atividade (crítica) de grupos e classes que portam a materialidade superadora dos processos sociais.

A imersão nas contradições da realidade fez emergir, no processo de pesquisa, o sentido de “comida-mercadoria⁵”, uma comida condizente com os interesses do modo de produção e consumo vigentes, e, deste modo, desvinculada de razões genuínas de existir. Defendemos a ideia de que o domínio da comida-mercadoria (distorcida em sua ontologia, degradada em sua ética, estética e princípios) precisa ser superado, e isso será possível quando transformarmos certas contradições que estão tanto na realidade (*status quo* da sociedade) quanto na consciência (representações sociais).

A dialética hegeliana caracterizaria tal processo como o ciclo da *tese*, *antítese* e *síntese*. Conjugamos a dialética-materialista para compreender que a *tese* é a própria realidade hegemônica, na qual identificamos certas contradições. Compreendidas no nível da consciência crítica, estas contradições configuram a *antítese*, aquilo que se contrapõe à *tese*, caracterizando a dimensão política de compreender criticamente a realidade. A *síntese*, então, seria o movimento da superação dessas contradições da realidade, com a produção de uma nova condição social atrelada às reais demandas da humanidade. Essa nova realidade dialética possui também suas próprias contradições que, por sua vez, são a condição para o movimento e a continuidade da História.

A comunicação da pesquisa realizada no período compreendido entre 2012 e 2015, intentou contribuir para a ampliação do campo de saberes da Educação Ambiental crítico-transformadora, no sentido de atentarmos para o fato de que a mesma lógica envolvida na

felicidade, de relações justas, fraternas, não predatórias e livres de exploração e apropriação egoísta, resgatando nesse processo o valor de uso das coisas, das pessoas e das próprias relações.

⁵ Esta palavra composta foi por nós criada para enfatizar o processo pelo qual no modo de produção capitalista, o alimento, na forma e conteúdo como vem sendo produzido e comercializado, deixou de ser alimento, valor de uso necessário à satisfação de necessidades da humanidade, para tornar-se mera mercadoria destinada ao fatídico fim de produzir lucro e manter as condições de existência do capital.

deterioração das relações sociais também tem determinado a perda de qualidade dos alimentos disponíveis para consumo. Isso tem ocorrido em todas as instâncias da vida, graças à sobreposição do caráter de mercadoria e seu fetiche (valor de troca), sobre os produtos do trabalho honestamente úteis ao desenvolvimento da humanidade (valor de uso).

Basicamente, na sociedade capitalista, todos os produtos tendem a ser mercadorias. Como confirma Marx (1985, p. 42), “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza”. “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso” (MARX, 1985, p. 42). O valor de uso é o aspecto qualitativo da mercadoria, diz respeito às propriedades das coisas que lhes conferem a qualidade de ser útil à satisfação de uma necessidade humana. É por isso que, “o valor de uso só se realiza com a utilização ou o consumo” (MARX, 1985, p. 42).

O capital faz, no entanto, dominar na mercadoria o valor de troca, alienando o seu valor de uso. A mercadoria é produzida para ser trocada, e, portanto, deve ser algo útil; caso contrário ninguém se interessaria em obtê-la (SANDRONI, 1999). Há, porém, na sociedade capitalista, uma forte distorção do sentido de utilidade do que é produzido pelo trabalho humano, associada à geração de inúmeras “necessidades” forjadas para manter as trocas constantes de mercadorias, alimentando continuamente o consumismo.

Alguns mecanismos próprios ao metabolismo do capital – como a *alienação* e o *fetiche da mercadoria* – têm contribuído fortemente para a disseminação, a aceitação e a naturalização da dieta alimentar contemporânea. O fetiche acontece numa sociedade onde as relações se dão entre “coisas”, como fatores independentes das relações sociais entre as pessoas nos processos de produção. Ou seja, numa “formação social em que o processo de produção domina o homem e não o homem o processo de produção” (MARX, 1985, p. 90). O fetichismo da mercadoria está ligado ao mecanismo pelo qual as relações sociais de produção de mercadorias são escondidas e percebidas somente como características da mercadoria. Transparecem, assim, apenas as relações entre as coisas que são trocadas no mercado, independente de quem as produziu e como.

No tocante à alimentação, à medida que tem mais valor a mercadoria do que a pessoa, a comida-mercadoria se impõe como objeto de consumo e é constantemente legitimada pela cultura globalizada, determinando a dieta alimentar em acordo com o domínio das demandas de mercado, ou seja, das relações que se travam entre coisas - o que implica corromper as propriedades úteis do alimento (valor de uso) para atender a fins

meramente mercantis. Podemos compreender o fetiche da comida-mercadoria como estratégia de consumismo, onde a coisa determina a ação essencial do ser humano que é, na sociedade capitalista, agir em função do objeto, e não ser sujeito.

Por supervalorizar a ordem de relações entre coisas, o fetiche é o mecanismo, próprio da sociedade capitalista, pelo qual a mercadoria adquire o caráter de “objeto de consumo”, passando a ser desejada fortemente pelo maior número possível de pessoas e para além da satisfação de necessidades reais, o que potencializa a sua troca.

Por sua vez, a alienação conduz à formação de consciências reprodutoras de falsos saberes, que produzem conformismo, fatalismo e inatividade, peças-chave na manutenção do *status quo* da sociedade e na reprodução de suas relações, incluindo nisso a degradação da qualidade alimentar em função dos imperativos de mercado. Nessa perspectiva, a própria realidade, em suas contradições, alerta-nos para a demanda essencial por processos educativos que propiciem aos sujeitos o desenvolvimento da consciência crítica de mundo que possibilite reconhecer tais contradições. Assim, no processo em que se emancipam do que os aliena, podem os seres humanos produzir as condições materiais para transformar a sociedade em prol do genuíno desenvolvimento da humanidade.

Como explica Paulo Sandroni (1999, p. 21):

Na economia política, a alienação é um dos conceitos básicos do marxismo, significando a perda sofrida pelo trabalhador de uma parte de seu ser, quando o capitalista se apropria do fruto de seu trabalho. [...] Para Marx, a alienação ocorre [...] em muitos outros domínios; alienação do cidadão ao Estado, do soldado a sua bandeira, e, principalmente, do trabalhador ao capital. No sistema capitalista, segundo Marx, os produtos do trabalho humano passam a ser meras mercadorias que subjagam o homem, em vez de servir a ele, como era de se esperar, já que são criações suas.

A alienação relacionada ao trabalho alienado caracteriza a condição em que o trabalhador não produz para si, para seu próprio usufruto e benefício, mas materializa mercadorias que serão trocadas para suprir as constantes demandas mercadológicas. No entanto, esse fenômeno transcende as relações de trabalho para ser reconhecida também em outras instâncias da vida, através de um processo em que o sujeito deixa de fazer por si, perde sua autonomia, para servir à realização de interesses aos quais ele está atrelado fortemente, seja estando consciente ou não disso.

Em vista disso, emerge a importância da educação para a liberdade (FREIRE, 1979b, 1980), em favor da autonomia dos sujeitos. O mecanismo da dominação do povo está articulado às estratégias de sua alienação. “*A sociedade alienada não tem consciência*

de seu próprio existir” (FREIRE, 1979a, p. 35), não podendo, portanto, fazer algo por si própria. Entendemos, assim como Freire (1979a, p. 30), que “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções [...]; pode transformá-la”.

Resultados da pesquisa realizada ressaltaram que a forma mais evidente de alienação, em se tratando de alimentos, são os mecanismos que fazem com que os consumidores ignorem as origens daquilo que levam à mesa, e, com isso, não questionem as relações que permeiam a cadeia produtiva da comida. Isso atenta para a necessidade de empreendemos processos educativos que propiciem aos sujeitos o desenvolvimento da consciência crítica, capaz de discernir as contradições da sociedade e possibilitar a organização coletiva para superá-las.

Defendemos a indissociabilidade entre a questão alimentar e a Educação Ambiental, partindo da compreensão de que o ambiente é um complexo de ligações e relações, no qual a influência das contradições inerentes aos aspectos mais gerais da sociedade condicionam os aspectos particulares e singulares (como a alimentação), e o contrário também, o que exige a compreensão dos fenômenos em sua totalidade, não isoladamente, para que possamos produzir terreno fértil às transformações necessárias.

A Educação Ambiental crítica, como meio de humanização, deve estar comprometida com práticas sociais transformadoras, com as pessoas e suas necessidades concretas e não como reprodutora da ideologia e dos interesses dominantes. Parafraseando Freire, queremos uma Educação Ambiental como prática da liberdade, que possibilite ao ser humano conscientizar-se de sua existência no mundo e de sua historicidade no processo de constituição social, para que se possa desenvolver, num movimento dialético de superação, de transcendência de suas possibilidades.

A sociedade vigente faz prevalecer o domínio da mercadoria, furtando os esforços do trabalho, da cultura e da economia para a concentração de riquezas e poder, o que resulta em inúmeras injustiças ambientais e desigualdades distributivas. A mais grave contradição exposta em nossa tese é aquela que faz coexistir a *fome* com a *obesidade*, duas faces de uma mesma moeda, a lógica desigual e não sustentável do capital, cujas motivações são contrárias às reais necessidades dos seres humanos e do ambiente.

A alimentação enquanto necessidade essencial exige o acesso a uma quantidade e qualidade compatível com a manutenção da vida e do organismo saudável. Negar o acesso à comida, nestes dois aspectos, é a situação mais degradante de violação, tanto ao direito de existir, quanto ao de viver com saúde. As relações enfermas do capital produzem

condições desumanizadoras na determinação do acesso à comida, sua privação, e os excessos de seu consumo. Tal cadeia alimentar, não sustentável, impõe o sofrimento da fome real a milhares de seres humanos e toxicidade a tantos outros, ao mesmo tempo em que condena outros milhares à fome oculta, expressa no sobreconsumo de alimentos ricos em calorias, mas pobres em nutrientes.

Dois estudiosos dessa temática, Jean Ziegler e Raj Patel, vêm ao encontro do que discutimos, na exposição que fazem acerca das contradições da produção de alimentos hegemônica. Patel estuda a contradição: “a humanidade produz atualmente mais alimentos que em toda a sua história, no entanto uma cifra superior a dez por cento da população padece de fome” (2008, p. 11). Frente a essa contradição, expressa na coexistência paradoxal entre a sobreprodução de comida e a fome no mundo - revelando uma lógica perversa que caracteriza a escassez de alimento não como um problema de disponibilidade, mas como uma questão de distribuição e acesso – o autor analisa outra contradição da ordem hegemônico-globalizada de produção de alimentos: “a fome destas 800 milhões de pessoas ocorre simultaneamente a outro recorde histórico: mil milhões de seres humanos hoje em dia apresentam sobrepeso” (2008, p. 11).

Para Patel, a fome e a epidemia de obesidade e de problemas relacionados à nutrição inadequada possuem um determinante em comum:

Os obesos e os famintos estão vinculados entre si por cadeias produtivas que conduzem os alimentos desde o campo até a nossa mesa. Guiadas por sua obsessão por benefícios, as grandes corporações que nos vendem comida delimitam e condicionam nossa forma de comer e nossa maneira de pensar sobre a comida (PATEL, 2008, p. 11).

Jean Ziegler denuncia o caráter destrutivo da agricultura corporativa capitalista, o agronegócio, expondo as condições degradantes a que são submetidos os *condenados da Terra*. Um modelo que, na ganância por monopolizar o setor da produção de alimentos, degrada a biodiversidade, destruindo os princípios que regem a estrutura e organização dos ecossistemas saudáveis e mina o âmbito social, eliminando os conhecimentos tradicionais ligados à terra, os povos que dela dependem, e os trabalhadores, que, na força da mercadoria – expressa na apropriação do direito humano à alimentação com o intuito único de acúmulo de capital nas mãos das corporações - encontram sua ruína.

O autor desmistifica as elaborações ideológicas contemporâneas que velam a compreensão crítica do fenômeno da fome no mundo, naturalizando-o. Afirma que a fome é produto da lógica opressora da sociedade do capital, e não um fenômeno fatal, com causa

difusa ou indetectável. “Dentre todos os direitos humanos, [...] é, seguramente, o mais constante e mais maciçamente violado em nosso planeta” (ZIEGLER, 2013, p. 31). Esse direito vem sendo escamoteado pelo poder corporativo das agroindústrias, dos bancos, dos especuladores do ramo alimentar e da Organização Mundial do Comércio (OMC) e sua regulação de mercado predatória aos países pobres. O poder dos que fazem a destruição em massa, determinando a geopolítica da fome.

Outra contradição, tangente ao modo de produção hegemônico e que emergiu no processo analítico da pesquisa, é a deformação das razões pelas quais produzimos e consumimos os alimentos. A agricultura moderno-industrial centralizada por interesses corporativos, manchada pela especulação alimentar, por determinações danosas de comércio, interesses duvidosos e técnicas agressivas e injustas que resultam na exploração e na opressão dos trabalhadores e da terra não tem conseguido fornecer alimentos sadios para os consumidores. Frente a isso, a agroecologia vem se configurando como uma necessidade para que possamos superar o modelo hegemônico de produzir, distribuir e consumir alimentos, retomando a centralidade da vida, da saúde e do trabalho criativo, com base em relações que potencializam e não alienam os seres humanos, de forma a orientá-los para a interação proativa com a natureza, diversa de sua apropriação e transformação não sustentável.

Entendemos, como Guterres (2006), que a agricultura do agronegócio, por ele denominada *imperialista*, é um sistema alienador, de dependência e controle externo de caráter corporativo, incompatível com a autonomia dos produtores e predatório à natureza, apoiado em justificativas ilusórias e, principalmente, não sustentável. Já a agricultura *popular, agroecológica*, pressupõe um sistema libertador, de base ecológica, autorregulado pelos ciclos e processos da natureza, no qual os agricultores autogestionam a produção. Nele, as culturas alimentares e os conhecimentos ligados aos cultivos/criação são preservados, bem como a biodiversidade de sementes crioulas.

O atual estágio de contradições da produção hegemônica de alimentos tem nos mostrado que pensar e fazer sistemas alternativos de agricultura, com base em princípios, técnicas e práticas sustentáveis é a direção mais acertada para que possamos recuperar a centralidade do alimento, dos seres humanos e do trabalho criativo nos processos produtivos.

Estes sistemas não se aplicam ao modelo do agronegócio: é evidente que nas vastas extensões de monoculturas, em que se eliminam completamente os elementos da paisagem natural, reduz-se a

biodiversidade ao extremo e exaure-se o solo, torna-se impossível produzir de maneira sustentável. Os sistemas agroecológicos, ao contrário, são adaptados à realidade da agricultura familiar e reforçam a proposta de um outro modelo de desenvolvimento para o campo, que prevê a repartição das terras e a produção descentralizada, que possa empregar muita mão de obra, dinamizar economias e abastecer mercados locais com alimentos saudáveis (LONDRES, 2011, p. 24).

Temos percebido, pois, que o desafio de garantir a soberania, a segurança e a qualidade alimentar pressupõe a produção de outro modo de produzir comida, baseado em relações ético-estéticas e sustentáveis, alternativas às que nos oprimem por via do agronegócio.

Contradições da consciência: representações sociais, por escolares do município do Rio Grande, RS.

No diálogo do campo teórico com o empírico, à luz da Educação Ambiental crítico-transformadora, a investigação realizada entre os anos de 2012 e 2015 objetivou identificar, analisar e compreender as contradições existentes nas representações sociais de escolares do município do Rio Grande, RS, como complemento ao estudo das ligações e relações da realidade, que expressam contradições contrárias à vida e à saúde associadas à degradação da qualidade dos alimentos.

Entendemos que o fenômeno da alimentação exige abarcarmos também as contradições existentes na consciência, considerando que as representações elaboradas na tentativa de explicar a realidade, muitas vezes, resultam na reprodução das relações hegemônicas e em sua naturalização. Isto é, a forma e o conteúdo como representamos os fenômenos da realidade repercutem em práticas sociais compatíveis com a sua reprodução ou a sua transformação. Essas contradições foram previstas em nossas hipóteses de pesquisa, por considerarmos a categoria filosófica da contradição o motor da dialética de todo e qualquer fenômeno material social.

As contradições identificadas, nas representações dos escolares, corroboram as hipóteses de nossa tese, as quais sustentam que as representações sociais que os sujeitos estão elaborando sobre os fenômenos da realidade são compreensões ainda insuficientes para a transformação das condições que degradam a saúde e a qualidade de vida humana e do ambiente, justamente porque os processos de alienação, engendrados pelo capital, têm imposto barreiras à compreensão crítica da realidade da produção, distribuição e consumo

dos alimentos, podendo as pessoas da prática transformadora em relação aos seus hábitos alimentares tanto individualmente como no lugar coletivo da ação.

Na análise das representações dos estudantes adolescentes, a atenção especial foi dada às relações próprias da lógica vigente que produzem *gostos padronizados, banalizam o ato de alimentar-se e comprometem nossas escolhas alimentares*. A contradição fundamental, que emergiu dessas representações, é o fato de *a comida-mercadoria não ser reconhecida como um problema, mas como algo “normal”*, naturalizado por esta geração contemporânea de adolescentes que cresceu consumindo produtos diretamente dos supermercados, elementos máximos de alienação no nível do consumo, em razão de naturalizarem a compra desvinculada de conhecimentos associados à origem e à cadeia produtiva da comida. Isso tem uma implicação política essencial, já que conduz a práticas reprodutoras da sociedade.

Os supermercados foram concebidos como lugares geográfica e logisticamente voltados a exacerbar o consumo. Sua estrutura é, de fato, educativa: o ensino ativo da compra impulsiva e compulsiva. Tais espaços, em geral bem localizados (centrais, ou em pontos estratégicos), visíveis e acessíveis (propaganda e preço), reúnem todo o tipo de mercadorias, e assim acabam por padronizar as compras ao que está disponível. Agregam incrementos impressionantes em suas formas de convencer o consumidor a adquirir mercadorias. Seu ambiente externo, e especialmente o interno, são engenhosamente manipulados para transmitir segurança e produzir sensações agradáveis no consumidor, estimulando as compras. As estratégias de *marketing* nos condicionam facilmente, e o mercado é especialista em disparar nossos desejos. Assim, “quando compramos os produtos disponíveis nos estantes do supermercado, esquecemos as relações sociais que o tornaram possível” (PATEL, 2008, p. 230).

Outra contradição marcante identificada nas representações dos estudantes revelou que, embora eles possuam conhecimentos que possam ser considerados críticos no sentido de relacionarem saúde e alimentação a partir de uma noção do “saudável”, seus hábitos cotidianos de consumo tendem a reproduzir padrões alienados, convenientes ao domínio da comida-mercadoria, pois expressam a naturalização dos industrializados e dos lanches do tipo *junk e fast food*. A espontaneidade com que admitem preferir e consumir guloseimas indica que esse tipo de comida tem se naturalizado aos hábitos de consumo, forjando gostos padronizados.

No processo da pesquisa, identificamos o conflito entre as noções que relacionam saúde e alimentação na definição dos alimentos elaborada pelos escolares, tidas como

ideais (comida saudável e nutritiva, importante para manter o corpo vivo e ativo), e as práticas cotidianas *reais* de consumo que reproduzem. Embora no ambiente familiar (em casa) os adolescentes estejam habituados a consumir comida caseira, com preparações tipicamente ligadas à cultura brasileira (arroz, feijão, carne e salada), as preferências dos adolescentes revelaram o lugar cativo dos industrializados e “lanches” rápidos nos demais ambientes vivenciais, como a escola e as ruas.

As preferências alimentares dos adolescentes e a espontaneidade na aceitação às guloseimas demonstram que eles são suscetíveis a naturalizar e consumir a comida que julgam ser “ruim para a saúde”, contradizendo o ideal prévio do *saudável*. Isto é, as noções quanto aos alimentos que “fazem bem à saúde” não são ancoradas na realidade; nesta, as escolhas são movidas muito mais por percepções gustativas e pela aparência da comida.

De fato, ficou claro que o *gosto* é o aspecto decisivo nas escolhas alimentares dos adolescentes. Suas representações indicam a *padronização do paladar*, tendo em vista que muitas comidas-mercadoria são consumidas pelos escolares coletivamente, nos ambientes vivenciais, como a escola e as ruas. Os locais de socialização são os mesmos onde circulam certas comidas pouco saudáveis, o que atenta para a importância do aspecto sociocultural na determinação das escolhas alimentares e dos hábitos de consumo.

De acordo com Ornellas (2003, p. 274) “o gosto pelos alimentos, como muitas outras preferências, não é natural, e sim aprendido”. É uma construção social. Sua formação é, em geral, “realizada dentro de um recorte cultural, ou seja, dentro de um sistema de representações compartilhado social e culturalmente” (OLIVEIRA; NOVAES, 2013, p. 18). Perpassa a educação, isto é, faz parte de um processo formativo; é, portanto, aprendido. Sendo assim, pode ser alterado por mudanças na forma da consciência, da ingênua que sustenta o consumo acrítico, para a consciência problematizadora que questiona a origem da comida, reformulando a maneira como nos relacionamos no âmbito da alimentação, de modo a preservar nossa saúde e a do ambiente.

Como Santos (2005, p. 12-13), entendemos que

[...] a formação do gosto alimentar não se dá, exclusivamente, pelo seu aspecto nutricional, biológico. O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social. Os alimentos não são somente alimentos. [...] comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram uma época.

A alimentação reflete a forma como nos organizamos socialmente e como nos relacionamos com o ambiente. O que comemos, onde, como, quando e com quem exprime tanto a base das relações sociais vigentes, quanto o seu campo simbólico, cultural. As representações daí oriundas exibem as contradições de sua própria realidade. Desse modo, as ligações e as relações no marco do capital determinam modelos produtivos, estilos de vida e hábitos de consumo dobrados às contradições e transformações que esse modo de organização social forjou. Posto isso, não podemos conceber tais fenômenos isoladamente, afastados das relações sociais vigentes e hegemônicas. Com efeito,

diante das transformações impressas pela urbanização e pela globalização, a alimentação passou e continua passando por mudanças que afetam a qualidade dos alimentos produzidos e industrializados. Na verdade, um novo estilo de vida impõe novas expectativas de consumo, que acabam orientando as escolhas de alimentos (SANTOS, 2005, p. 21).

A subordinação da comida às relações mercadológicas resulta na deturpação de seu significado essencial. Da mesma forma, a ruína dos vínculos genuínos que unem o alimento a seu consumidor (dominação e padronização dos gostos pelas relações materiais e o ideário simbólico do capital) tem esvaziado da vida humana o real sentido de alimentar-se, resultando em escolhas alimentares alienadas.

Os resultados da investigação que comunicamos revelaram que embora existam, nas representações dos adolescentes sobre a comida, certos conhecimentos sobre os riscos associados ao consumo de alimentos de baixa qualidade alimentar e nutricional, as contradições que daí emergem indicam que os mesmos não têm ainda suporte para organizar, com clareza, saberes críticos que possam questionar as relações impostas pelo domínio da comida-mercadoria. As representações que reproduzem consideram somente o plano biológico (noções do saudável ligadas a aspectos nutricionais), mas não problematizam a esfera sociocultural da produção contemporânea de alimentos, como o fato de a comida ter perdido a sua função essencial de alimentar, em razão de interesses privados, da mesma forma que não questionam a padronização dos gostos e a manipulação dos alimentos e das escolhas alimentares pela indústria.

As preferências alimentares dos adolescentes, manifestas em nosso estudo, indicam que o apelo gustativo, a variedade e a aparência da comida são atrativos de tal forma potentes, que anulam desconfianças em relação às reais pretensões da indústria alimentícia. Isso corrobora o fato de a comida-mercadoria estar naturalizada no cotidiano dos adolescentes, o que os impede de problematizar as razões de sua existência e as motivações

privadas envolvidas em sua circulação. Em razão disso, reconhecemos, dialeticamente, que são as próprias condições materiais da realidade, como a larga oferta de comidas de má qualidade alimentar e nutricional dominando os espaços que se constituem ambientes vivenciais, e os mecanismos que levam à manipulação das escolhas alimentares e à produção de gostos padronizados, que têm produzido consciências ingênuas, alienadas quanto às origens e ao real significado da comida hoje disponível.

Identificamos, também, no processo analítico das representações elaboradas por escolares adolescentes acerca da alimentação, que os mesmos consomem o que é socialmente aceito, julgado como adequado aos momentos de socialização. Alimentos industrializados e lanches em geral são opções convenientes e preferidas para estas ocasiões, legitimando e naturalizando a estreita relação entre a cultura e as razões para o consumo alimentar. É essa cultura massificada de consumo conveniente aos imperativos do capital e os estilos de vida por ele criados que nos cabe questionar.

Nessa direção, para chegarmos a um nível de elucidação e organização de toda a sociedade que seja coerente com a superação da comida-mercadoria, crucial é que nos apropriemos de saberes libertadores que envolvam a coletividade na transformação das relações de produção e consumo atualmente praticadas, junto aos movimentos sociais para uma agricultura eminentemente ecológica e social, empenhada em produzir alimentos saudáveis e adequados aos ecossistemas, em contraposição à atual estrutura convencional capitalista da produção agrícola mercantilizada.

Nossas decisões alimentares cotidianas precisam ser coerentes com a sustentabilidade das relações em sociedade e com a natureza. Comer nunca é ato inócuo, mas sempre político. Essas escolhas contribuem, ou não, para a hegemonia e a continuidade das relações da realidade presente. Não somente nós somos o que comemos, mas *o mundo é o que comemos* (KINGSOLVER, 2008).

Os estudos que empreendemos ressaltam que a comida-mercadoria não possui vínculos genuínos com modos de cultivar, preparar e consumir os alimentos, em razão de sua apropriação pelo interesse privado das grandes corporações cuja prioridade é lucrar, o que leva à alienação da comida de sua função ontológica. O alimento, de tal forma distorcido, atrela-se ao consumo irresponsável e compulsivo, e reproduz a ignorância quanto às suas origens e às implicações de sua cadeia produtiva. Desse modo,

[...] as escolhas que fazemos todos os dias que parecem ser normais e apropriadas para o nosso ambiente são mais estranhas e menos naturais do que poderíamos pensar. A cada passo do caminho, têm sido

acompanhadas pelas corporações alimentícias que tentam ganhar dinheiro com as mudanças em nossas escolhas. Em si, talvez não soe como um toque de clarim para entrar em ação - até que um começa unir a linha de pontos e a compreender as implicações [...] - mas isso acontece cada vez menos. Gradualmente, através do ritmo e da arquitetura de nossas vidas, somos feitos para a nossa comida. Estamos nos tornando consumidores fantoches de decisões que muito provavelmente não foram feitas tendo em conta os nossos interesses. A razão sistêmica por trás dos aumentos de doenças relacionadas com a alimentação é um exemplo do impacto dessa perda de escolha explícita. E, claro, as decisões corporativas tampouco são feitas considerando os interesses dos produtores de alimentos: os agricultores e os trabalhadores do campo (PATEL, 2008, p. 271).

É uma ilusão pensarmos que, quando selecionamos uma mercadoria ou outra nos supermercados, estamos fazendo uma escolha livre. O máximo que fazemos é eleger entre o que para nós já foi escolhido. “A maior parte do que consideramos escolhas do consumidor no sistema de produção alimentar tem sido limitado e configurado antes de começarmos a pensar conscientemente nisso” (PATEL, 2008, p. 238).

A comida, atualmente circulante, faz parte de um processo que converteu em “normal” o que tem raízes profundamente anormais; a base não sustentável e manipuladora de relações que têm sustentado um mundo incoerente com a vida, a saúde e a liberdade. Isso nos impele a concluir que somente o conhecimento, por parte de nós consumidores, de como funciona a cadeia produtiva da comida e suas implicações sociais, políticas, econômicas, éticas e culturais poderá munir-nos de condições para que, de fato, possamos fazer escolhas alimentares conscientes, buscando alternativas ao estabelecido.

Outra constatação importante, que emergiu da análise das representações elaboradas por escolares da cidade do Rio Grande, RS, assinala que os mesmos consomem o que está *disponível* em seus ambientes vivenciais. Em casa, comem o que é fornecido pela família, na qual os hábitos tendem a igualar-se; a escola como espaço de socialização faz circular certos alimentos com apelo gustativo, adquiridos nas cantinas internas ou no comércio próximo; já as ruas são espaços dominados pela comida-mercadoria, pois o comércio confere disponibilidade em larga escala e acessibilidade aos alimentos que a indústria dos ultraprocessados e os estabelecimentos e redes de lanchonetes e restaurantes de *junk* e *fast food* fabricam. Desse modo, as escolhas alimentares dos jovens são condicionadas pela realidade circundante, na forma da dominação dos espaços de circulação e convivência familiar e social, e em razão da maciça oferta de comida-mercadoria.

Foi evidenciado que o consumo de alimentos de baixa qualidade se dá principalmente nas ruas, onde são ingeridos produtos prontos, industrializados, ou

“lanches”, largamente presentes no comércio, ou em locais específicos, como *shopping centers* e lanchonetes de *fast food*, ou em *trailers* de rua. As escolas também foram identificadas como espaços para o consumo alienado, realizado nas cantinas e bares. O consumo da comida-mercadoria é associado a momentos de lazer e socialização, o que contribui para naturalizá-la, já que os adolescentes são suscetíveis a questões envolvendo a identidade do grupo e a aceitação dos demais.

Ficou ressaltado, também, que as escolhas alimentares dos adolescentes têm como motivador o gosto e a aparência da comida. Muitas vezes isso leva à substituição da merenda escolar pelas mercadorias comercializadas nas cantinas e bares da própria escola e nos arredores. A atração sensorial, a larga oferta e a variedade associada à ideia de “escolha” possibilitada pelas mercadorias comercializadas nesses espaços são os fatores decisivos envolvidos nessas substituições. Isso sugere o desafio de resgatar o espaço escolar com um ambiente pedagógico em todos os sentidos, de forma a superar a reprodução das práticas conservadoras no âmbito educativo mais geral, mas também naquele que vem contribuindo para a naturalização da comida-mercadoria.

Outra contradição importante, denunciada nas representações dos estudantes, está ligada ao fato de os mesmos questionarem a qualidade da merenda escolar, embora não sejam capazes de organizar saberes críticos que questionem a *qualidade* deturpada da comida-mercadoria que encontram nos bares e cantinas, em geral guloseimas açucaradas, excessivamente salgadas e gordurosas. Os escolares julgam suas preferências alimentares como *naturais*, a resposta a uma atração sensorial (gosto e aparência). Não refletem e não problematizam, com isso, o fato de serem suscetíveis à alienação e à manipulação dos gostos e das escolhas alimentares.

Contradições expressas nas preocupações com o peso corporal também perpassaram as representações dos estudantes, apontando que eles não conseguem associar sua própria condição ao domínio da comida-mercadoria, engordativa e pouco saudável, e tendem a culpar-se pelo sobrepeso, sem questionar os verdadeiros responsáveis pela epidemia de obesidade associada à larga oferta de alimentos insalubres na sociedade vigente, e aos mecanismos que levam ao consumo compulsivo. De fato,

somos levados a acreditar que a obesidade é, afinal, um fracasso psicológico, uma incapacidade de lidar com a enorme carga de possibilidades de escolha que nos oferecem, um déficit nos mecanismos que deveriam controlar nossos impulsos. A abordagem geral inclui a obesidade como um empobrecimento da nossa capacidade de escolha, e se recusa a vê-lo como o resultado do empobrecimento em número e

variedade do que podemos escolher. E tudo isso se deve a que, em grande medida, não se oferece, frente ao problema social da obesidade, mais que uma solução individual (PATEL, 2008, p. 255-256).

Ademais, a pesquisa mostrou que o tema da alimentação, quando desenvolvido no currículo escolar, tende a ter uma abordagem conservadora ligada ao aspecto nutricional da comida e, portanto, restrita ao âmbito biológico, desconsiderando os determinantes sociais da alimentação como fenômeno impresso de totalidade, que poderiam levar a uma maior criticidade nos processos pedagógicos. Para além de abordagens meramente pontuais de educação alimentar nas escolas (em geral relacionadas aos conteúdos curriculares), que devido à fragmentação se desvinculam da realidade, há que se resgatar a escola como espaço privilegiado à formação de saberes socialmente úteis. Dessa forma será engendrado um movimento de superação ao pragmatismo mercantil, criando-se as condições para que possamos vencer a ingenuidade das consciências no que tange à alimentação e seus enovelamentos socioambientais.

Considerações finais

Neste artigo, denunciaremos algumas contradições da produção de alimentos hegemônica ressaltando os aspectos que a afastam da sustentabilidade. Complementarmente, identificamos algumas contradições impressas nas consciências de jovens consumidores, escolares do município do Rio Grande, RS, por meio de suas representações sobre a alimentação, a partir de pesquisa de doutorado desenvolvida no período compreendido entre os anos de 2012 e 2015, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

A investigação dessas representações revelou contradições próprias à consciência ingênua, as quais constituem barreiras à ruptura com a comida-mercadoria e à superação do modo hegemônico de produzir e consumir alimentos. Tais contradições expressam relações da realidade vigente, responsáveis pela banalização do ato de alimentar-se. A mais evidente revela que a comida-mercadoria não é reconhecida como um problema pelos estudantes adolescentes e, assim, não é questionada. Além disso, certas noções do “saudável”, elaboradas pelos escolares, não correspondem aos hábitos alimentares que os mesmos reproduzem no cotidiano, o que expressa a naturalização da comida-mercadoria e evidencia a padronização dos gostos e a alienação das escolhas alimentares. Outro aspecto a salientar é que o gosto se revelou o elemento decisivo nas escolhas alimentares dos adolescentes, o que os torna suscetíveis à manipulação da indústria alimentícia.

Centrada na problematização das contradições da realidade e da consciência, questões de estudo e desafios à Educação Ambiental crítico-transformadora, a pesquisa pretendeu aprofundar a compreensão da alimentação como fenômeno material social numa aproximação à sua totalidade, ressaltando a importância da formação de hábitos alimentares conscientes, coerentes à vida, à saúde e ao ambiente, em consonância com a transformação necessária do modelo vigente de sociedade, para além da comida-mercadoria.

O conjunto das contradições identificadas e compreendidas nas representações sociais dos estudantes adolescentes em Rio Grande, RS, objetivo do processo investigativo no campo empírico, evidenciou a existência de um nível de consciência ainda frágil do sentido político de se romper com a comida-mercadoria. Em vista disso, atentamos para a necessidade de fomentar a Educação Ambiental e Educação Alimentar crítico-transformadora, comprometida em contribuir para a emancipação dos sentidos humanos, a fim de que possamos superar certas representações difundidas a respeito da comida que são coerentes com o mundo das mercadorias, mas danosas à produção coletiva de alternativas concretas ao mundo posto, nas quais a saúde e a formação integral dos seres humanos em um ambiente igualmente saudável e integrado tenham centralidade.

Fundamentalmente, os resultados da pesquisa fortalecem a ideia de que precisamos compreender a dinâmica a ser estabelecida entre os elos da cadeia produtiva, no sentido de atingir objetivos específicos e primordiais relacionados à sustentabilidade, tais como: a oferta de alimentos adequados à sociedade, o cuidado com o meio ambiente, o desenvolvimento humano, a manutenção dos trabalhadores no campo e o resgate de práticas agrícolas culturalmente apropriadas. Isso exige empreenderemos esforços com vistas a superar certas contradições da realidade e da consciência rumo à transformação do modelo hegemônico de produção da comida, em favor de um lugar-moradia global onde se torne hegemônico o princípio ético-estético, cultural e econômico do cuidado com a vida e a saúde.

Para tal, urge que comecemos por reconhecer os limites de nossas próprias representações da realidade, de modo a identificar os pontos cruciais, isto é, as contradições que estão contribuindo para a reprodução das relações produtivas e de consumo hegemônicas, já gastas de suas próprias contradições. Somente as consciências libertas de representações falsas e ingênuas da realidade podem guiar práticas transformadoras, preparando o terreno com as condições mais adequadas possíveis para

receber as sementes-alternativas portadoras de um embrião saudável, apto a fazer germinar outro mundo possível de relações.

Apesar de nossos hábitos serem determinados por padrões socialmente estabelecidos, comer ainda continua sendo um ato voluntário, consciente. Por isso, as escolhas que fazemos devem ser críticas, não ingênuas, já que toda opção tem consequências que, inclusive, transbordam o campo individual, expressando-se no mundo das relações. Estamos reafirmando o compromisso político de nossa tese com a produção de uma sociedade justa e solidária, em contribuição aos passos que a Educação Ambiental precisa dar na direção de potencializar o caráter crítico e transformador dos seres humanos.

A continuidade da estrutura não sustentável de relações tem nos mostrado que precisamos romper com certas “soluções” meramente paliativas, reformistas, e, portanto, reprodutoras da ordem vigente. Esse processo exige que a Educação Ambiental seja direcionada, não em torno de “soluções” pontuais e afastadas do contexto original dos problemas ambientais, de sua verdadeira causa, mas de modo coerente com demandas reais da humanidade e de forma comprometida e decisiva. Enquanto ignorarmos os movimentos pelos quais a sociedade atual mantém a degradação das relações sociais e ambientais, estaremos compactuando e assim, reproduzindo os mecanismos mantenedores de seu metabolismo. É preciso empreender soluções essenciais, rompendo o nível da superficialidade.

Os resultados da pesquisa, que discutimos neste artigo, apontam para a necessidade de apoiarmos nossa ação educativa em processos libertadores, dialógicos, ancorados em princípios humanamente válidos, como a ética e a estética, de forma a que possamos romper com a intencionalidade mercantil e superar o empobrecimento do ser social e do conjunto das relações entre pessoas e entre estas e o ambiente.

Referências

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a (Coleção O Mundo hoje, v. 36).

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão de Benedito Eliseu Leite Cintra]. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GUTERRES, Ivani (org.). *Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

- KINGSOLVER, Barbara. *O mundo é o que você come*. [Tradução de Lourdes Sette]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2012.
- LONDRES, Flavia. *Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida*. Rio de Janeiro: AS-PPA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2011. Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/index.php/publicacoes/outras-publicacoes/outras-publicacoes/agrotoxicos-no-brasil-um-guia-para-acao-em-defesa-da-vida/detail>. Acesso em 23 abr. 2014.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Livro I, Vol. 1, 10. ed. São Paulo: Difusão Editorial, 1985.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.
- ORNELLAS, Liesolette Hoeschl. *A alimentação através dos tempos*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- OLIVEIRA, Juliano de.; NOVAES, Ronaldo. Indústria da cultura e indústria de alimentos: causa ou consequência da homogeneização e degeneração dos gostos na sociedade de massas? *9 Encontro Internacional de Música e Mídia, Escola de Comunicações e Artes (ECA)-USP*, 2013.
- PATEL, Raj. *Obesos e famélicos: el impacto de la globalización en el sistema alimentario mundial*. Tradução de Alejandro Manara. Barcelona: Los Libros del Lince, 2008.
- SANDRONI, Paulo. (Org./Sup.). *Novíssimo dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates*, Curitiba: Editora UFPR, n. 42, p. 11-31, 2005.
- ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa: geopolítica da fome*. Tradução de José Paulo Netto. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

*Submetido em: 19-05-2016.
Publicado em: 07-12-2016.*